



Vice-Rei

Fabio Rocha

Copyright © 2002 por Fabio Rocha

Registro EDA – Biblioteca Nacional

Nome(s) do(s)	FÁBIO JOSÉ ALFREDO SANTOS DA ROCHA
Autor(es):	
Título da Obra:	VICE-REI
No. Registro da Obra:	260441
Livro:	466
Folha:	101
Data de Registro:	7/6/2002
Gênero da Obra:	POESIA
Obra Publicada:	Não

Título original: Vice-Rei

Editoração eletrônica: Fabio Rocha

Endereço eletrônico:

<http://www.fabiorocha.com.br>

Índice

1. Capa
2. Dados
3. Índice
4. Índice (continuação)
5. Índice (continuação)
6. Dedicatória
7. Por baixo da saia – Prefácio de Elaine Pauvalid
8. Por baixo da saia – Prefácio de Elaine Pauvalid (continuação)
9. Por baixo da saia – Prefácio de Elaine Pauvalid (continuação)
10. Por baixo da saia – Prefácio de Elaine Pauvalid (continuação)
11. SEM TIDO
12. FILOSÓFICO-RELIGIOSO
13. CABO FRIO
14. O ANDARILHO
15. MODAL
16. FÉRIAS NA CIDADEZINHA
17. LUGAR DIFÍCIL
18. CASA
19. ÚLTIMA PRAIA
20. QUEM É VOCÊ?
21. ANTIMODERNO
22. CENTRO
23. QUANDO CRESCER
24. DIVERSOS
25. RETRATOS COM SOM
26. LADO B
27. EM JANEIRO
28. PESSOAL
29. AS PORTAS DO INFERNO
30. OLHO
31. MOTIVO
32. PROLIXO
33. QUARAR
34. VOCÊS VERÃO
35. GLOBALIZAÇÃO
36. VÊNUS
37. CARPE DIEM
38. SE MEU GOLEM FALASSE...
39. SE MEU GOLEM FALASSE... (continuação)
40. SONETO À SOLIDÃO
41. PANORAMA DO PARADIGMA PÓS-MODERNO
42. EXTINTAS ESTRELAS – EXTINTAS
43. ALHEIO
44. CELESTE
45. A ESTRELA
46. A SABEDORIA DAS AMENDOEIRAS
47. DIA DE SOL

48. A JOSÉ SARAMAGO
49. METÁFORAS
50. MUNDO
51. FENOL
52. SANTA POESIA
53. ALIMENTAÇÃO
54. EXPOSIÇÃO
55. PÊNDULO
56. ESPADA
57. VICE-REI
58. BARBACENA-MG
59. MIL E UMA NOITES
60. AZULEJO QUEBRADO
61. SE MENTE
62. DELIVERY
63. HITLER VIVE EM SEU CELULAR
64. NOVELA
65. POESIA SOCIAL
66. METAFÍSICO
67. ANNE CAROLINE
68. EM CASA
69. A LÍNGUA
70. POETRIX DE PAIXÃO (OU OLÍMPICO)
71. STAR PERDIDO
72. CAMINHO
73. O BOI VOADOR
74. NÃO QUERO QUERER
75. PRESSA DE AMAR
76. ANEMOFILIA SEGUNDA
77. BARBA
78. SOLUÇÃO SIMPLES
79. SUPER EGO
80. CURSO NOTURNO
81. QUANDO
82. DIZ O POVO
83. É DURO
84. ANNE
85. AMORA
86. OPÇÃO
87. BELO CEGO
88. MAPA
89. A OSCAR WILDE
90. PORQUE AS ANDORINHAS DE CHUMBO NÃO VOAM
91. DÓ
92. CONSELHO INFANTIL
93. SORTE
94. DAS NEUROSES
95. MATA
96. DOS NAMOROS
97. PSI
98. FORTE
99. PLATÔNICO

100. MINHA COLABORAÇÃO PARA A CAMPANHA DA PAZ
101. SEM (D)EFEITO
102. DO FIM
103. *Biografia*
104. *Fortuna Crítica*
105. *Contato*

Dedicatória

Para o amigo e poeta Ricardo Alfaya, que acha tanto no que escrevo tão pouco.

Por baixo da saia

À primeira vez que tive contato com a poesia de Fabio Rocha, percebi o talento incontestável do autor. Isso se deu a partir do site www.falaê.com.br. Ambos éramos colaboradores. A partir das pistas naquela revista eletrônica - para mim, uma das melhores em termos de diagramação - que visitei a página pessoal do autor www.amagiadapoesia.com.br, o que foi uma grande descoberta.

Muitos há no Brasil talentosos e Fabio é um deles. A internet é a saída para todos nós que trabalhamos com arte pois, até agora, com pouco dinheiro nos fazemos circular em tempo inimaginável até o início da década de 70 e em termos de Brasil, até o final dos anos 80, com complacência e até ontem com realismo.

Fabio tem sensibilidade e talento para fazer uso desta ferramenta, se não acessível a toda população, pelo menos à classe média. O site, A Magia da Poesia, muito bem diagramado, diria até que revelando um outro talento do autor, o das artes plásticas, ou quem sabe, desta tão falada poesia visual, chama atenção primeiro por isto: pelo show visual que nos dá em economia de formas e precisão estética. Ao longo do tempo, conheci seus poemas nus. Sem a roupagem rica das cores e da animação cibernética. Estavam lá versos verdadeiros, versos por inteiro. Sem dúvida, sua poesia perde muito sem suas vestes plásticas. No entanto, percebe-se o ente nu, totalmente desfolhado, mas não esfolado. Com o livro que temos aqui se comprova isso. São poemas curtos, à moda atual, tão vilipendiada por críticos nostálgicos de um tempo em que a genialidade parecia ser o comum e o normal nunca existido.

Principalmente entre jovens, a poesia tem sido curta. Que queriam os mais velhos? Como debruçar-se sobre epopéias e enormes sonetos com a rapidez em que estamos imersos, na qual nascemos? Seria forçar a mão em busca de um sonho perdido. Mas, que sonho? Quem poderá dizer a época mais profícua para versos? E não houve Safo e muitos outros que em poucas linhas diziam quase tudo? Sem dúvida, muito se perde por julgar um poema pela quantidade de versos, presença de rimas, ou imaginárias missões maiores.

Certo é que muitos preguiçosos e orgulhosos de sua ousadia rabiscam palavras de ordem ou de segredos sem notar que o poema curto não é uma regra, não se esgota e nem é uma grande descoberta ou invenção pós-moderna.

Se curto porque deva ser curto, que seja, e se está curto porque não está pronto ou nunca estará que se estude e se trabalhe no balbucio primeiro. Esses, que também são muitos, fazem deste estilo, seu estilo, sem notar que ficaram presos no próprio reflexo à maneira de Narciso e nem sabem em que estão afogados.

Em Fabio, percebe-se que há um trabalho em constante evolução e seus poemas se fecham no círculo necessário a qualquer projeto. Ele sabe terminar um poema. Eles acabam em si. Eis o ponto crucial de Fabio, o que o singulariza. Realmente temos poemas muito curtos. Curtos o suficiente para nos surpreendermos. Vejamos o poema “Casa”:

*Quero estar em casa
longe dos olhos alheios,
minhas sombras sempre estranhas
e esses malditos espelhos.*

Que se pode acrescentar a este poema? Que dizer dele além de: sim, é verdade eu sinto isso. Mas, atenção ao sentido de leve escamoteado pela ausência da preposição “de” nos dois últimos versos: *longe dos olhos alheios, minhas sombras...* Com a atenção que peço ao leitor, vejo o seguinte: Quero estar em casa/ longe dos olhos alheios, de minhas sombras sempre estranhas e desses malditos espelhos. A preposição pode ser suprimida se presente no início. E se o poeta não a sumprimissem o poema perderia seu valor se não totalmente, em grande parte. No entanto, também se poderia entender os versos últimos como aposto em que olhos alheios seriam as sombras estranhas e malditos espelhos onde o pronome esses reforçasse ainda mais a ira do autor. Sim, esta é uma segunda leitura do poema. Na primeira, uma referência ao resto da população que rodeia o poeta, o mundo e seus obstáculos enormes, a casa como refúgio tranquilo onde ele pode ser essência e não reflexo, sem espelho, com olho de alma invisível e sensível. No segundo a referência ao grande Outro, na consciência de que o inferno não são os outros, é o Outro disfarçado de

outros, como não diria Sartre, porque Lacan ainda não teria difundido sua idéia de Grande Outro.

Percebe-se de pronto a personalidade do poeta, uma personalidade tímida e bem humorada como costumamos ser, brasileiros. Manuel Bandeira mesmo triste e choroso é cômico, ou não? Que dizer da relação que teve com Elizabeth Bishop quando esta foi presenteada com uma casa em Petrópolis ao lado de uma mulher como Lota. Bishop o achava típico, como os demais brasileiros, como se vê em suas cartas. Mas, quem está de fora, vê que também ela era típica, falava de versos puros e se torturava por serem tão difíceis. Bandeira deitava na rede, tranqüilo e seus versos falavam das coisas simples do coração. Bishop queria falar dos barcos, do porto de Santos, do encardido que não estava nela, ou se estava, não achava que deveria ser a poesia meio para mudar seu espírito. Bandeira, se falava do coração, de seus sofrimentos de raquítico, não era para purgar-se disso, mas para desabafar, para apaziguar-se e com os versos fazia comunhão com a sabedoria da serenidade do miserável, tirando místico prazer da dor. Bandeira era um poeta brasileiro de versos quase sempre engraçados, apesar de falar de coisas quase sempre tristes e Bishop uma missivista de língua saxônica, cômica, altamente cômica, em cujos poemas se vê um olhar estupefato, e mesmo que não quisesse, com o lampejo das almas sábias, que em tudo vêem um risco de graça.

Há humor nos versos de Fabio Rocha, mas é um humor sem intenção, um humor inerente à condição dos frágeis. Ele se mostra frágil em seus poemas, cômico disso nos versos, sem auto-piedade, apenas mais um dos aspectos de sua poesia e essa fragilidade exposta é que dá a primeira impressão de uma comicidade e de se tratar de um poeta menos profundo. O que é engano enorme. Na releitura de Fabio é que percebemos que o humor, a graça primeira, era apenas um véu sobre o trágico da condição humana, das inúmeras limitações e fascinações a que somos expostos. Vejamos “pressa de amar”:

*Sou aquele
que chama
pra dançar
e nota
que não tem
pernas.*

Fabio Rocha é um poeta que levanta a saia. Mas, é preciso que o leitor não tenha pressa em o tragar, nem de o julgar. Ele levanta a ponta da saia. O leitor desnuda o vice-rei cômico, para descobrir uma verve autêntica de poeta que não veio para fazer rir, nem para fazer chorar, mas para fazer arte.

Elaine Pauvolid

SEM TIDO

Lá fora a lua brilha,
o vento uiva
e pessoas buscam.

Ah, eu quero entender o mundo...

Ou apenas
fazer um poema profundo.

28/12/01

FILOSÓFICO-RELIGIOSO

Por temer a morte,
o homem criou a religião
no oitavo dia.

No nono,
com dor de solidão
nas costelas magras,
o homem - esse portento
inventou o casamento.

29/12/01

CABO FRIO

Esse vento forte, constante
vem do mar ali defronte.

Agita os matos,
aplaina os montes...

semeia horizontes
de solidão.

29/12/01

O ANDARILHO

Venta.

Há uma alma negra
sob um negro manto
caminhando
na escuridão.

Um relâmpago
estronda no céu

iluminando
aqueles olhos
meus.

29/12/01

MODAL

Minha irmã diz
que escrevo sempre
o mesmo.

Falta pano
nas metáforas
com que visto
o real.

30/12/01

FÉRIAS NA CIDADEZINHA

Saio sem trancar a porta
ando aonde as pernas levam
bebo sem olhar as horas
quero o sempre assim tão leve.

30/12/01

LUGAR DIFÍCIL

Por falta do que fazer,
ando.

E o silêncio do caminho
me empurra
para dentro de mim,

onde sombras de amigos
suspeitos
espreitam

e vontades de amores possíveis
vão crescendo e corroendo
estradas sem direção.

30/12/01

CASA

Quero estar em casa
longe dos olhos alheios,
minhas sombras sempre estranhas
e esses malditos espelhos.

1º/1/02

ÚLTIMA PRAIA

Foi no mar
que a última artimanha do coração,
a armadilha derradeira para o encontro,
o plano final da busca...
se afogou.

No mesmo instante
Iemanjá cutucou-me a canela
com um relógio.

(E funcionava!)

Seus ponteiros salgavam:
não se acha o amor,
o amor é que te acha.

4/1/02

QUEM É VOCÊ?

O amanhã nunca vem...

E eu também
não vou além
de mim, refém
do eterno quem.

6/1/02

ANTIMODERNO

Falo de mim sim.
E me agrada se consigo ser
você que lê.

7/1/02

CENTRO

É desse chão cinza
regado de stress
que nascem as estranhas
plantas bípedes concorrentes.

Seus frutos são negros
quadrados
e quase nunca caem.

Plantas que se movem
sempre
com ou sem vento
com ou sem chuva
com ou sem vontade
com ou sem vida.

7/1/02

QUANDO CRESCER

Senhor, eu quero ser mendigo,
esquecer o trigo
e comer o pão.

Eu quero não saber do dólar,
só viver de esmola
e ser ermitão.

Ignorar o mundo e as letras
e fazer caretas
para o camburão.

Sonhar sonhos de ignorância
e só ter a ânsia
de viver em vão.

Comer antifrutas sem sumo
e andar sem rumo
pela escuridão.

8/1/02

DIVERSOS

Sou poeta
e o mundo se analfabeta
de versos.

9/1/02

RETRATOS COM SOM

Fotografo cortes
e grafo curto
intentando arte.

9/1/02

LADO B

Revolução!

Tá, e agora?

Como
virar
a mesa
sem quinas
sem pés
sem vidro
sem ferro
sem esquerda
sem direita
sem mesa?

9/1/02

EM JANEIRO

É janeiro
quando estamos à beira de piscinas
tentando fazer as pazes
com o não fazer.

- Priiiiiiiiiiii...

Mas despertam as cigarras,
arautos ruidosos dos anos passados,
a lembrar a conjunção maldita:

- Se se se se se se...

10/1/02

PESSOAL

O mais longo, mais árduo
e mais importante caminho
se segue sozinho.

10/1/02

AS PORTAS DO INFERNO

Me procure
onde os continentes colidem,
os oceanos terminam
e os amores se apagam.

10/1/02

OLHO

Quanto mais
estudo os Grandes,
mais encolho.

11/1/02

MOTIVO

Poesia não vende
pois não há quem invente
poesia que venda.

11/1/02

PROLIXO

Não é por vivermos em edifícios
que devemos escrever difícil.
Pro leitor, não pro lixo.

18/1/02

QUARAR

O meu rio é lá no longe
onde o sol alisa as águas
e lavadeiras levadas
cantam
lavam
esfregam
torcem
sonhos.

18/1/02

VOCÊS VERÃO

Como se não bastassem
a acidez do sol
e o bafo do asfalto

ainda tocam
fogo
nos fundos,
nas tocas,
nos quintais...

e essa música branca
sobe
e arde
tarde
no pulmão da cidade.

22/1/02

GLOBALIZAÇÃO

Poucos loucos
querendo vencer e convencer o mundo
do imutável imundo.

22/1/02

VÊNUS

Nesse mundo cheio de chão,
pleno de terra,
busco
o prazer das coisas
comuns.

Mas só encontro
vontades
de asas
e
deltas
de Vênus.

22/1/02

CARPE DIEM

Colhe a flor
agora.

Amanhã estarás cego
para seu perfume,
surdo
para suas cores,
trêmulo
para suas lembranças...

Se houver amanhã...

3/2/02

SE MEU GOLEM FALASSE...

Para Fellipe Cosme

Estou chorando vendo João Kleber,
imaginando pátrias sem hinos,
coleccionando crepúsculos de ouro
e me regozijando com sorrisos femininos
vindouros.

(de amadas distantes desconhecidas desmanteladas amadas que não vêm)

Bailo bailes com minha mão
e nem ouvindo o trovão
meu desejo cala.

Sim, tenho e sou mala
mas não viajo.

Ralho
e quase não saio.

Passa, tempo!

Me vicio em novos jogos, filhos dos Anéis,
e me encontro anão
em pontos de ermitão.

Tempo voa.

Bebo Coca-Cola,
arroto antiglobalização.

Sobra tempo.

Leio Nietzsche,
pergunto Jesus.

Tempo pinga.

Minha pele
expele
pus.

Tempo de parar.

Meu Deus, eu quero ser árvore!!!!

5/2/02

SONETO À SOLIDÃO

Com amor eu tudo faço
pela minha companheira.
E se vejo a lua inteira
Não me basta um pedaço.

E me joga no espaço
De uma espreguiçadeira
Tendo a alma seresteira
Encharcada de compasso.

Essa música de aço
Que eu faço de bobeira
É pra minha companheira...

E essa cara de palhaço
E esses versos de terceira
São pra minha companheira.

6/2/02

PANORAMA DO PARADIGMA PÓS-MODERNO

Elites de nulidades interconectadas
sistemas relacionados
pós biológicos virtuais
solitários e rasos
podem falar, teclar
instantaneamente
futilidades.

Bate-papo.
Tic-clic-tic-clic...
Bate-papo.

É a era
do ibope,
dos cliques por dia nos egos,
do mar de informações informáticas
sem profundidade.

Consumo, logo existo!

E há as ilhas de pobres fabricados-excluídos
sem comida, sem tecnologia, sem dentes...
As visitamos como turistas
de quando em vez
em pensamento,
a cabo
ou em guerras.

6/2/02

EXTINTAS ESTRELAS – EXTINTAS

A Fellipe Cosme

Raros amantes,
amantes pequenos
com relógios imensos,
caros
relógios intensos.

Procriam no cinza
cada vez mais alto e alto e alto...
mais longe do céu.

Abraçados pelo turbilhão
da população crescente
e anônima
com relógios de nome.

Tropeça a noite
sobre tudo e todos,
mas só alguns
semeiam em folhas
alvas
o cheiro de extintas estrelas
de épocas menos poluídas.

E inventam melancolias
de quando havia casas vazias,
toques de mão,
amigos irmãos,
terra
e tempo.

10/2/02

ALHEIO

Piscam os sinais,
as luzes dos carros,
as almas dos vivos...

O bafo
do asfalto
treme
o cinza.

Ranzinza,
dirijo a vida
indo, indo
assim, assim...

Como se houvesse querubim,
amor, jasmim...

Vendo o problema do mundo
fora de mim.

15/2/02

CELESTE

O meu anjo negro
eu não possuo.

Suo
tentando achar
escuridão em anjos outros.

E acabo por concluir
que não existem anjos.

19/2/02

A ESTRELA

Na plantação vazia
a solidão vem
e então eu cultivo
a paixão impossível.

22/2/02

A SABEDORIA DAS AMENDEIRAS

A Manoel de Barros

Quero
não
querer.

25/2/02

DIA DE SOL

O vento me soprou
azul

e vi na borboleta
mais Deus
que na igreja.

(E ela
não pousa
em mim.)

26/2/02

A JOSÉ SARAMAGO

Quem tem
o ter
tem também
o saber.

E ninguém
que tem
quer romper.

Pessoas pessoas pessoas pessoas
morrem de fome
mas há água em Marte.

O fundo do poço
nos olha
a cada dia
com mais olhos.

Que polícia
vai defender o capitalista
quando, dentre os braços,
surgirem mentes
suficientes?

1º/3/02

METÁFORAS

De seus cabelos
de ouro
caíam moedas
reluzentes
e todo ser vivente
que olhava
queria.

E suas carnes ardiam
de paixão
e combustão espontânea.
(ao todo, sete morreram carbonizados)

Então a noite veio.
A noite noite, noite mesmo, logo após a tarde...
E fomos dormir.

2/3/02

MUNDO

Pego todos os caminhos
que me levam a nada
pois tudo é imundo.

5/3/02

FENOL

Há belezas
que ofendem
as fendas
dos olhos.

No equilíbrio agressivo
de retas, curvas e cores
nos nascem e fenecem
flores, feno e faltas.

5/3/02

SANTA POESIA

São Jorge
das pequenas lâmpadas vermelhas
de minha infância azul

Proteja-nos
dos dragões
da mesmice

Cavalgue os pastos
duros, escuros
do medo

E mostre a minha mão
(com pena...)
a vontade e a certeza
da sua
(com lança!)

6/3/02

ALIMENTAÇÃO

Não é preciso ir a Milão
pra comer
bife à milanesa.

Assim, escrevo sobre árvores
preso
na cidade,

sobre amor
na solidão,

sobre o céu
com os pés no chão.

6/3/02

EXPOSIÇÃO

Meus poemas estão lá, pendurados
como carne no açougue
esperando impacientes que alguém os devore.

(E alguém tem fome?)

Contemplo minha pele aberta
orgulhoso da inutilidade do exposto,
saboreando vitória e desgosto.

14/3/02

PÊNULO

Caminho no campo florido
ouvindo gritos de revolta.

Na palma das mãos,
louvor e sangue.

O sol que brilha
esfria minha alma.

Tropeço em preces
mas a pressa empurra.

Vago e divago
entre
dentro e fora.

(Me falta uma espada
pra cortar espelhos.)

Onde começo eu
acaba o mundo.

14/3/02

ESPADA

Eu sou o imbecil
com uma bandeira
branca no meio da guerra

que costuma levar
espadas
em passeatas
pela paz.

Se me deixam,
choro em nascimentos
e rio em funerais.

Meu rio
não quer
a mar.

E
vence
a gravidade.

15/3/02

VICE-REI

Eu sempre estendi as mãos
para as borboletas...

Abria os braços
para o passado saudoso...
para o futuro sonhado...
mas nunca tocaram em mim.

Hoje, fiquei imóvel
e uma pousou no meu pé.

19/3/02

BARBACENA-MG

Sem um sorriso atrás dos montes
sem braços abertos depois das pontes
as estradas são rios
em que nadamos para nada.

28/3/02

MIL E UMA NOITES

Minha boca
já se encheu
de línguas...

Meu esqueleto
escaleno
se estressou
de tanto
esforço...

E minhas mãos
mendigam ainda
em peitos
em busca
dum coração.

30/3/02

AZULEJO QUEBRADO

Por não ter nada
que me conforte
quero uma espada
que te corte.

31/3/02

SE MENTE

Todo mundo diz que não
mas os cristais me dão
azar.

Então
enterro
todos
longe de minhas mãos,
rezando para que não
brote nada do chão.

2/4/02

DELIVERY

Somos nazistas alienados
contribuindo semi-cegos
para os campos de concentração
de renda.

Criamos necessidades de consumo
inúteis
matando chances e gentes
ainda mais cegas.

Quem tem olhos,
tem bolsos
cheios
e milhões
de vendas.

5/4/02

HITLER VIVE EM SEU CELULAR

Ela reza
e planta antenas radioativas
ao lados das igrejas, das grávidas, dos prédios, dos mendigos...

Se não for ela,
outro fará.

Então ela enche o rabo
(seu e dos americanos)
de notas altas
e dorme como uma porta.

Se não for ela,
outro fará.

Quando se preocupa é com a concorrência...
com o mercado cheio
de mão-de-obra desempregada...
desesperada...
e não com o judeu que não poderá ter filhos.

Se não for ela,
outro fará.

Ela, a engenheira
nazista
que acredita em Deus.

7/4/02

NOVELA

Longe, longe, longe
daquilo
está o este,
sempre a sonhar
com aquele outro.

11/4/02

POESIA SOCIAL

Sou Sísifo,
mas fraco.

A pedra
não move.

Espero
mais mãos.

14/4/02

METAFÍSICO

Eu sou o último tombo
o filho único da espada
o fim do eterno retorno
a vida e a morte, mais nada.

16/4/02

ANNE CAROLINE

Hoje eu vou dormir
sentindo você.

Como gosto
de seu gosto...

Por isso
me encosto
em seu rosto
e me perco
em sua boca,
em seu pescoço...

E quando acho
o caminho de casa
trago
seu todo
e vejo
seu choro
na cidade
escura.

Preocupado,
desejo mais braços
pra te proteger em abraços
até que o dois tenda a um
e - Deus queira - vire sempre.

Hoje, indubitavelmente,
eu vou dormir sentindo você.

19/4/02

EM CASA

E eis que eu,
eterno perdido
pelos caminhos múltiplos
achei você no último...

E danço agora
pelos cômodos afora.

20/4/02

A LÍNGUA

Para Anne Caroline

Soltem meus braços!

Deixem-me berrar
aos sete ventos
que a vida é boa...

que há línguas
como a tua...

e que amar
não rima à toa.

21/4/02

POETRIX DE PAIXÃO (OU OLÍMPICO)

Eu só quero
que o fogo
não apague.

21/4/02

STAR PERDIDO

Quanto mais
me estudo
menos me entendo
e, mudo,
grito com o tempo,
reclamo com o vento,
mas não mudo
meu pensamento.

E nem quero nem consigo
meu sustento
e contigo,
mulher, desnudo
meu sofrimento...

Doendo mais
a cada dia
em que não sinto
o que sentia
mudando a lua,
que era minha
em celeste
desalento.

Buscando algo
que não há no mundo
nem em mim
nem em ti
nem no firmamento:

Algo puro
que seja imundo,
algo santo
que não seja bento.

27/4/02

CAMINHO

Pra que a pressa
se o que menos interessa
é a chegada?

27/4/02

O BOI VOADOR

Não era piada.

Boi
não
pia.

27/4/02

NÃO QUERO QUERER

Onde estão as mulheres de luz?
Com seus beijos imaginários,
seu olhar que seduz?

Onde estão as mulheres de luz?
Seus defeitos perfeitos,
suas espinhas sem pus?

Onde estão as mulheres de luz?

- MORTAS desde o primeiro toque.

27/4/02

PRESSA DE AMAR

Sou aquele
que chama
pra dançar
e nota
que não tem
pernas.

27/4/02

ANEMOFILIA SEGUNDA

Eu sou o vento.
Semeio perguntas
vou sem destino
derrubo casas
divirto meninos...

Eu sou o vento.
Mato e salvo
aliso o verde
arranco o asfalto...

Eu sou o vento.
Por isso
não paro
e não me acho.

27/4/02

BARBA

Eu queria ser feliz
e falar de futebol
mas me interessam
idiosincrasias e cnidoblastos com nematocistos.

Não presto.

27/4/02

SOLUÇÃO SIMPLES

Eu vi um mundo feliz
sem terrorismo
nem Taylorismo.

Alimentos para todos
brotando da terra
eu vi.

Sem fronteiras
ou barreiras.

Florestas crescendo
sol saudável
tempo de sobra...

Eu ouvi o canto dos anjos
mas não estava no céu:

Esse mundo é o nosso mundo
se pararmos
de contribuir para as diferenças.

Esse mundo é o nosso mundo
se pararmos
de matar a natureza.

Esse mundo é o nosso mundo
se pararmos
de trabalhar.

2/5/02

SUPER EGO

Um bom motivo
para a tristeza latente
em minha felicidade descrente
talvez seja esse relógio duro
a segurar meu punho
e a ameaça duradoura
das gravatas atrasadas vindouras
ao pescoço ainda livre.

Quem sabe não é por isso
que os músculos de meu rosto
em protesto
doem
quando rio
sem querer
em festas
de família.

3/5/02

CURSO NOTURNO

Para Anne Caroline

Meu amor está em aula.

Tenta aprender a ensinar
quando quem ensina
é que devia
aprender a amar.

UERJ - 3/5/02

QUANDO

Para Anne Caroline

Quando uma mulher
chegar na hora,
levanta, vai embora,
reza um pai nosso
e pede perdão:
é o final dos tempos.

UERJ - 3/5/02

DIZ O POVO

A vida é uma festa.
E quem não dança,
dança.

UERJ - 3/5/02

É DURO

Estudei Geologia
com a boca escancarada:
tanto nome, tanta pedra
tanta gente favelada...

UERJ - 3/5/02

ANNE

Antes que a
Noite me fizesse
Negro de todo
Ela veio.

UERJ - 3/5/02

AMORA

O casal namora no banco.
Não mora: namora.
Ambos com cara de ontem,
mendigando amor.

UERJ - 3/5/02

OPÇÃO

Tem um gato preto
embaixo do poema.

Filhote.
Sozinho.

Estico a mão
e ele me morde
ou escrevo mais um pouquinho?

UERJ - 3/5/02

BELO CEGO

A Manuel Bandeira

No jardim à noite
sem rio, sorriso
por não ver
a tal beleza triste.

UERJ - 3/5/02

MAPA

Nem preciso de uma antibússola
pra não ter destino.

Vivo pelos desencontros
e cantos.

Meu silêncio
é de onde parto
(e nada nasce).

Não sei quem sou
mas sinto profundamente
o que não gosto.

Acordo antes do hoje
sob esse céu cinza
para colher o amanhã,
que não faz acordos.

6/5/02

A OSCAR WILDE

Sim, talvez eu devesse
assistir a essa inédita
cópia de livro em giz...
e perder
a peça
de Oscar Wilde
de graça.

Aí
(quem sabe?)
talvez eu conhecesse a vida.

Mas quem conhece
a vida
não pode
escrever.

UERJ - 7/5/02

PORQUE AS ANDORINHAS DE CHUMBO NÃO VOAM

Não crêem.

UERJ - 7/5/02

DÓ

Canto pelos cantos

(tão baixo
que não se houve)

tentando
reproduzir
e reproduzir
minha vida:
esse eterno prelúdio.

UERJ - 7/5/02

CONSELHO INFANTIL

Não deixe
de ser levado.

E não sei deixe
levar.

UERJ - 7/5/02

SORTE

Até em casa
o acaso
acaba.

E seja caso
ou casamento
a chama rima
com sofrimento.

UERJ - 7/5/02

DAS NEUROSES

Vida:
contagem
regressiva
para
o que não começa.

UERJ - 7/5/02

MATA

A Oscar Wilde

O homem
mata
o que ama
porque ama
o que acaba.

UERJ - 7/5/02

DOS NAMOROS

Talvez haja
nesse mundo a ruir
uma mulher que goste de ficar em casa
ou uma que saiba pra onde quer ir.

UERJ - 7/5/02

PSI

Se grito
ou falo baixo
não me acho:
procuro demais.

UERJ - 7/5/02

FORTE

Oscar Wilde
arde.

Pois, se pode
morde.

E dói
de certo.

UERJ - 7/5/02

PLATÔNICO

Para Anne Caroline

Vejo-te
na distância
sua e minha.

Ouçó tua voz
no silêncio do dia.

Quase estudo
e quase tudo
é você.

Espero
sorrindo
pelos cinco
minutos...

Os cinco minutos precisos
e preciosos
de que preciso.

9/5/02

MINHA COLABORAÇÃO PARA A CAMPANHA DA PAZ

Minha namorada
real é virtual
não tem tempo pra nada
pois trabalha em multinacional.
Então quero dar porrada
em mim mesmo, nos anjos do céu, em algum animal
mas não posso fazer nada
pois desde que acabou o sistema feudal
vamos pela longa estrada
de Rubinhos e Fernandinhos e pessoas diminutas, filhinhos de papai global
onde tudo vale pra encher o bolso de dólar, uma cambada
que cospe na honra, nos USA e ri... Ah, trocaria esse pobre metal
pelo prazer de lhes cravar o aço de uma espada.

13/5/02

SEM (D)EFEITO

Para Anne Caroline

Beijar a dama do frio
foi como beijar um espelho.

O mundo pareceu vazio
de sorrisos.

Frio, frio, frio...

Lágrimas de cristal
brilhando
em algum rio
escondido.

Apesar do som
da multidão
cibia
seu silêncio:
tudo que se ouvia.

Então a ausência
era azul
e eu quis, quase,
atirar-lhe culpas...

Mas veio um cansaço
e aquele frio frio frio...

(Não acabei nem comecei.)

13/5/02

DO FIM

Para Anne Caroline

Suas lágrimas seguraram a minha raiva.
Meu orgulho segurou a minha lágrima.
Minha mão segurou a sua, pela última vez.

Fui tentar me sentir seguro no carro,
e liguei o rádio...

Pensei: “Tudo menos aquela música agora...”
E foi a própria que tocou.
Aumentei o rádio e olhei o carro adiante
com o símbolo do Batman, me mandando ir em frente.
Não segurei a risada...

Pois nessas horas é que acho Deus
e acho Deus engraçado.

Biografia

Retirado do PD-Suplementos / Sábado com você de 24/11/2001, com atualizações

"Nada é para sempre,
exceto sua alma."

FABIO José Alfredo Santos da ROCHA vive no Rio de Janeiro, onde nasceu, em 04 de junho de 1976. Cursou Engenharia Elétrica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (mas não concluiu o curso) e se formou em Administração de Empresas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. FABIO é FABIO mesmo — como MARIO, o Quintana, é MARIO — sem acento, o que ele explica em versos:

ESCOLHA

A Drummond

O meu Fábio é Fabio.
Nem nasci, tropeçavam em mim.

Tive então duas escolhas:
Ser pedra ou poeta.

Fora isso, é muito pouco o que ele diz de si mesmo:

"Quanto a falar de mim, é a parte mais difícil (sorri, disfarçando). Acho que comecei a escrever por dois motivos: sempre gostei demais de ler e admirava os escritores (de prosa ou verso) que conseguem transmitir pros leitores algo que inspire, emocione ou faça pensar. O outro motivo é que falo pouco (sorri, certo de que está justificado). Então, alguns anos depois de começar a escrever poemas, comecei a fuçar na Internet e aprendi a fazer páginas. E como não tinha nada melhor para colocar na homepage, pus uns poemas. Eu não esperava, mas deu certo. Hoje já são mais de 350 mil visitantes e o site ganhou vários prêmios. Foi isso que me estimulou a escrever mais e participar de concursos. Também tive várias surpresas boas e conheci pessoas maravilhosas e cheias de talento, graças a ele. Pessoas que, infelizmente, a mídia em geral não mostra, mas que estão a apenas um clique de distância".

Deu certo mesmo. Ao longo de um tempo historicamente curto — ele começou a escrever em 1994, aos 18 anos de idade — FABIO ROCHA publicou vários livros e juntou um monte de premiações em concursos. Seus poemas estão nos seus livros (de papel e eletrônicos), em vários sites de língua portuguesa, são notícia de jornal e até andam de ônibus. Como foi o caso do seu poema "A Magia da Poesia" que circulou no *Busdoor* colocado na traseira dos veículos de Blumenau, no período de outubro a dezembro de 2000. Foi este poema que deu nome ao seu primeiro livro, publicado em janeiro de 2001. Depois, vieram mais cinco, eletrônicos — "Tudo Pelos Ares" (março de 2001), "Na Medida do Impossível" (agosto de 2001), "PraLarvas" (2002), "Vice-Rei" (2002) e "Caminho a Manhã" (2003) — todos disponíveis para leitura no seu site pessoal. É lá que o leitor vai conhecer o máximo que o poeta fala de si:

<http://www.fabiorocha.com.br>

Fortuna Crítica

“Fabio, síntese perfeita, brilhante.”

Affonso Romano de Sant’Anna (sobre o poema “Gêmea Estupidez”)

“Siga em frente. Você leva jeito. Em certos momentos tende a bastante ceticismo, um certo desencanto.”

Italo Moriconi (por email)

“Poemas breves, em sua maioria, utilizando-se de fragmentos de vida, transformando-os em magnetos para o deleite e atenção do leitor.”

Rosa Clement (prefácio do livro “A Magia da Poesia”)

“A poesia surge das suas inquietações, da sua acurada observação do tempo e espaço que habita e não o rigor frígido de poemas laboriosamente lapidados em laboratórios de dissecação filológica.”

Fred Matos (prefácio do livro “Tudo Pelos Ares”)

“Não há na sua dicção o soturno canto nihilista, o peso do pesar, o hermetismo simbolista, a exaltação dramática. Também não há, e isso me parece importante frisar, aquele tom um tanto cínico que tem marcado a produção contemporânea mais recente. Em resumo: nem exaltação, nem frieza. Um olhar diferente, especial. E isso, acredite, não é pouco e, igualmente, é muito raro.”

Ricardo Alfaya (prosa de abertura do livro “Tudo Pelos Ares”)

“O cuidado com as palavras não precisa de guia. Fabio é seu próprio guia.”

Felipe de Paula (prefácio do livro “PraLarvas”)

“Em Fabio, percebe-se que há um trabalho em constante evolução e seus poemas se fecham no círculo necessário a qualquer projeto. Ele sabe terminar um poema. Eles acabam em si. Eis o ponto crucial de Fabio, o que o singulariza.”

Elaine Pauvolid (prefácio do livro “Vice-Rei”)

“Fabio Rocha é na poesia contemporânea um fabuloso exemplo de como podemos encurtar o verso sem perder a poesia. Com seu incrível poder de síntese, vai sugando nos dias que correm as metáforas que passam despercebidas aos olhos daqueles que não param para observar um pouco além do óbvio.”

Rodolfo Muanis (prefácio do livro “Caminho a manhã”)

“Seus poemas são de ótima qualidade. Foi um prazer lê-los e conhecer um pouco sobre você. Gostei muito, principalmente dos filosóficos.”

Tanussi Cardoso (registro no livro de visitas do site <http://www.fabiorocha.com.br>)

Contato

Caro leitor,

Obrigado por ler este meu trabalho gratuito. Peço apenas que entre em contato para dizer o que achou, e sinta-se livre para espalhar este ebook para seus amigos (se gostou) e inimigos (se não gostou). ☺

Mantenho meus emails e telefones atualizados no meu site pessoal, assim como outros ebooks:

<http://www.fabiorocha.com.br>